

PROPOSTA DE REDAÇÃO – 3ª SÉRIE:

Texto I - Fuvest 2022: número de inscritos no Vestibular é o menor em mais de 20 anos

A Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest) divulgou o número de inscritos no processo seletivo de 2022. No total, 110.383 candidatos foram confirmados, considerando candidatos e “treineiros”. No entanto, o número é bem menor, se comparado ao das edições anteriores da seletiva. A queda, de mais de 20 mil inscritos, se comparada à última edição do vestibular, interrompeu o aumento na quantidade de inscritos, que vinha acontecendo já há dois anos, e é a menor em mais de 20 anos da seleção da Fuvest.

Fonte: Mundo Educação, “UOL

Texto II - Número de inscritos no Enem é o 2º menor desde 2005

O Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), principal porta de entrada para o ensino superior no Brasil, teve 3.396.597 inscritos em 2022. O número é o segundo menor desde 2005 — antes, inclusive, de o Enem ser um vestibular nacional como é hoje, formato que adotou em 2009. A informação foi divulgada nesta manhã (3) pelo ministro da Educação, Victor Godoy, em uma postagem em suas redes sociais.

O número de inscritos refere-se às pessoas que preencheram o formulário no site e pagaram a taxa de inscrição de R\$ 85 (ou não pagaram taxa nenhuma, no caso de quem tem direito à isenção) dentro do prazo. As versões impressa e digital da prova serão aplicadas nos dias 13 e 20 de novembro.

A queda no número de inscritos no Enem é uma tendência desde 2016 e foi agravada pelas dificuldades decorrentes da pandemia de Covid-19 para o ensino brasileiro. Entre os problemas pelos quais o exame passou nos últimos anos, estão salas lotadas, estudantes barrados na porta e abstenções recordes. Em 2021, servidores do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), órgão responsável pela prova, denunciaram tentativas de interferência em seu conteúdo e situações de intimidação.

Fonte: Nexo Jornal

Texto III - Por que tantos jovens querem se tornar influenciadores?

O dicionário define o verbo influenciar como o ato de exercer uma ação psicológica ou ascendência sobre algo ou alguém. Este termo, que virou algo extremamente popular para quem utiliza as redes sociais, também vem ocupando o status de profissão dos sonhos para boa parte dos jovens.

Uma pesquisa realizada pela INFLR, “adtech” especializada em “marketing” de influência, entrevistou 3100 jovens para avaliar sua percepção acerca das redes sociais e 75% deles revelaram ter vontade de ser influenciadores, ou seja, de que suas postagens, nas redes sociais, sejam relevantes e inspirem outras pessoas. Por outro lado, 63% dos entrevistados mostraram que aspiram ser uma influência no ambiente digital pelos retornos financeiros que essa atividade pode proporcionar.

A ideia de ter fama e dinheiro não é um anseio típico da era das redes sociais. Há décadas, muitas pessoas perseguem a oportunidade de aparecer na mídia e, conseqüentemente, serem bem remuneradas por isso. As redes sociais, no entanto, tornaram esse sonho um pouco mais acessível, já que, pelo perfil pessoal, qualquer pessoa pode construir narrativas e histórias, atrair seguidores e, eventualmente, chamar a atenção das marcas.

Fonte: Meio e Mensagem

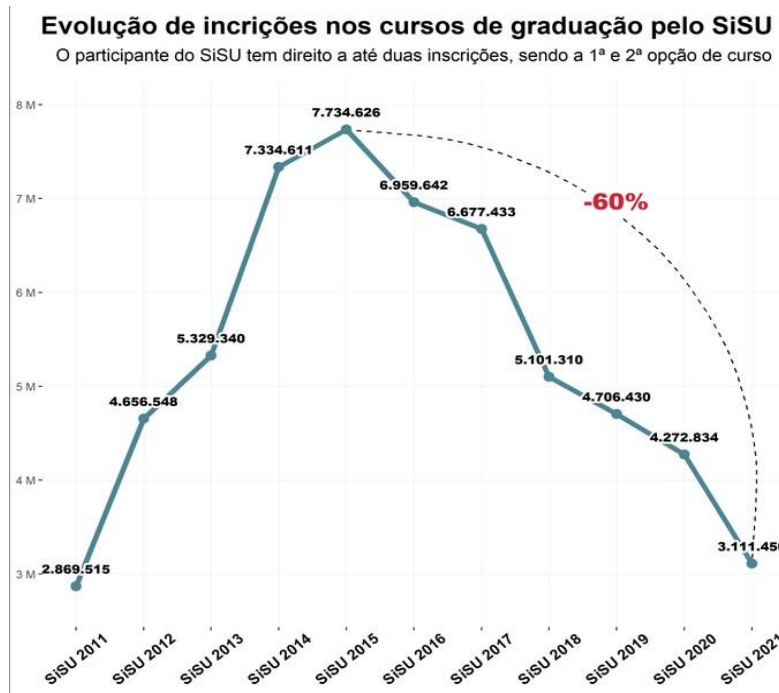
Texto IV - 5 em cada 10 formados entre 2019 e 2020 estão sem trabalhar, diz pesquisa

O Nube realizou uma pesquisa entre recém-formados e constatou: “52,12% afirmam não estar trabalhando, 27,8% sem emprego há mais de 12 meses”. A notícia não anima nem os profissionais já inseridos no mercado de trabalho: “apenas 20% deles executam atividades pertinentes às suas profissões”, indica o estudo. “Entre os exemplos apontados na pesquisa, estão administradores atuando como operadores de caixa e cozinheiros, pedagogos exercendo funções de faxina ou de acompanhante de idoso, contadores e advogados como frentistas, designers de games como auxiliares de crédito imobiliário e enfermeiros como cabeleireiros. Há quem se formou em Letras exercendo função de porteiro e nutricionistas atuando como babás ou manicures. Um engenheiro elétrico está trabalhando como motorista de aplicativo e um engenheiro mecânico é motoboy”, diz o Nube. Há dois anos, mostra a pesquisa, 27% dos brasileiros conseguiam ingressar em suas áreas em menos de três meses após a formatura. Hoje, somente 15%. Embora 60% dos participantes tenham estagiado durante a faculdade, 65% deles relataram exigência de experiência prévia por parte das contratantes. “É preciso criar mecanismos para aproveitar todos esses talentos com

mão de obra qualificada. Não podemos deixar de lado esse conhecimento", afirma Seme Arone Junior, presidente do Nube.

Fonte: Uol Economia.

Texto V



Fonte: MEC

Texto VI

“A educação tem raízes amargas, mas os seus frutos são doces.”

Fonte: Aristóteles

Texto VII - A universidade como pilar na produção do conhecimento

Universidades são importantes para o mundo e sofrem transformação. São peças fundamentais da história que ajudaram acriar e a derrubar governos. Assim, foram refúgio de novas gerações e berço de inovações tecnológicas que mudaram o mundo. Há séculos presente neste planeta, da Grécia antiga, passando pelo Império Romano, pela Idade Média e pela Idade Contemporânea, a universidade, como incubadora de cérebros, teve diversas formas de acessibilidade, estrutura organizacional e funções. Atua como desenvolvedora da tecnologia de ponta e também como salvaguarda da ordem e da democracia, na medida em que forma pessoas prontas para defender ideais de liberdade e de justiça. [...] A produção do conhecimento tem como cerne a Universidade. Esta produção, no entanto, não ocorre da mesma forma ao redor do mundo. O filósofo Ralph Emerson diz: “O que é ensinado em escolas e universidades não representa educação, mas são meios para obtê-la.” O conhecimento, a dúvida intelectual e a pesquisa continuada são fortes armas proporcionadas pelo ensino universitário à sociedade. Durante muito tempo, a história provou que esses instrumentos intelectuais foram úteis no combate ao totalitarismo – de esquerda ou direita – e na defesa à liberdade individual e de comunicação. No Brasil, durante a vigência militar de 1964 a 1985, movimentos estudantis resguardados por suas instituições universitárias foram salvaguardados da ordem e da justiça. Portanto, são evidentes os bens proporcionados por uma instituição de ensino universitária. A partir dela, podemos melhorar a sociedade e a natureza. A primeira, pela geração de humanos qualificados para desenvolver os mecanismos sociais, trazendo bem-estar à população, a segunda, pelos produtos gerados por esses indivíduos a partir do desenvolvimento sustentável. As universidades também são um pilar de uma sociedade que almeja bases sólidas na educação. Elas são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano.

Fonte: Jus.com, por Gian Paolo Bosco, advogado brasileiro

Texto VIII - As três frentes de ataque às universidades

Nos últimos anos, em meio à programação diária de absurdos com a qual nos habituamos a viver no Brasil contemporâneo, a educação, infelizmente, tem tido um grande destaque, sempre nos fazendo confrontar com discussões sazonais sobre dois temas centrais: do final de 2020 para o início do ano, o recorde no corte de verbas em relação

ao exercício anterior e, alguns meses depois, as denúncias sobre o risco de as universidades pararem por – justamente – falta de verba.

Mas existem sempre também, obviamente, os eventos “extraordinários” que refletem a mencionada falta de financiamento e revelam o quanto o projeto de destruição, a “boiada da barbárie”, avança a todo vapor. [...]

O projeto de destruição da universidade pública no nosso país – e, conseqüentemente, das condições de se fazer ciência – vem de longa data e sempre operou, de modo geral, a partir de duas grandes frentes de ataque: a neoliberal, que nos acompanha mais fortemente desde o final do século passado, mas que tinha arrefecido ao longo dos governos do PT para retornar fortemente com Temer; e a ideológica, que, também com seus “vai e vens” históricos, ganha uma força nunca vista antes com a eleição de Jair Bolsonaro. Nos dois casos, como em quase todos os outros temas, Temer representa apenas uma ponte para Bolsonaro, mais ou menos como uma jogada ensaiada em uma partida de vôlei, em que um levanta na medida para o parceiro cortar. [...]

Não foi, portanto, por acaso que, entrando efetivamente na terceira frente de ataque – a mais virulenta de todas, o ponto final desse processo de embrutecimento –, o rancor da democratização do acesso se transformou num ódio muito mais amplo e profundo, o que levou à defesa explícita da destruição da universidade. A essa altura, esta não poderia mais ser outra coisa senão um lugar de pura balbúrdia e tráfico de drogas, onde as salas de aulas serviam apenas como palco de orgias, de modo que todos os frequentadores das universidades, quase sem exceção, passaram a ser tachados de grandes perversos cujo único propósito de vida é destruir a integridade moral da família tradicional brasileira. Tudo isso, apesar de a universidade continuar sendo frequentada em boa parte pela própria classe média raivosa, que seguramente nunca viu, nas universidades em que seus membros sempre estudaram, nenhum resquício de quaisquer desses delírios. Mas a realidade, nesse momento, já havia se tornado também um acessório desimportante e mesmo indesejado.

O problema, no fim das contas, é que, como é a universidade pública que produz praticamente a totalidade do conhecimento de ponta que circula no país, a pandemia levou a situação ao limite do absurdo, no momento em que os cavaleiros da morte e da ignorância se sentiram obrigados a jogar, de uma vez por todas, na lata do lixo não apenas as universidades, mas todo o conhecimento científico, que só pode ser produzido ali, incluindo, neste caso, as próprias áreas de pesquisa historicamente poupadas e que o próprio capitalismo pretendia deixar intactas (as áreas de exatas, da saúde, das tecnologias etc.), por serem as que continuam rendendo muito dinheiro. [...]

O problema por trás disso tudo é que, ao buscar destruir uma parcela da sociedade – “a universidade esquerdista” ou qualquer outra imagem estereotípica que se faça daqueles que lutam por um país melhor –, você abre a porteira para a destruição de uma sociedade inteira, mais ou menos como um câncer cuja metástase vai se espalhando de forma rápida, intensa e aleatória. Esse é o risco de embarcar no fascismo com o objetivo aparentemente “estratégico” de eliminar

aqueles de quem eu também não gosto, achando que o fascismo pode ser controlado ou mantido no ambiente restrito que me agrada. Isso vai totalmente de encontro à lógica destrutiva do fascismo, que é sair eliminando tudo que encontra pelo caminho, até chegar ao ponto de eliminar a si mesmo, quando já não houver mais nada a ser destruído.

A imagem poética disso, já muito bem difundida, nos é oferecida por Brecht de forma magistral em seu poema “É preciso agir”: as pessoas começaram a ser “levadas”, uma a uma, mas o eu lírico não se importou porque se sentia a salvo pelo fato de não ser uma delas, até que chegou sua hora e já não havia ninguém que pudesse se importar com ele.

Hoje, com a negação absoluta de qualquer conhecimento científico por parte dos que nos governam – o que tem se revelado cada vez mais apenas mais um pretexto para ganhar muito dinheiro à custa de nossas vidas –, uma parte não negligenciável dos médicos, para citar um exemplo escandaloso, que se achavam totalmente imunes à destruição fascista, provavelmente estão se sentindo, no caso dos que ainda se mantêm atrelados à essência científica da sua profissão, como o eu lírico de Brecht.

Fonte: Artigo de Opinião “Em outras palavras”, por Thiago Rocha.

PROPOSTA DE REDAÇÃO: A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **“A queda no interesse pela formação acadêmica entre os jovens brasileiros”**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
4. **Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
 - 4.1. Tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo consideradas “texto insuficiente”.
 - 4.2. Fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
 - 4.3. Apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.